

JNT-BUSINESS AND TECHNOLOGY JOURNAL

ISSN: 2526-4281 QUALIS B1



A SOCIOLINGUÍSTICA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA ESTUDOS LINGUÍSTICOS

SOCIOLINGUISTICS AND ITS IMPORTANCE FOR LANGUAGE STUDIES

Marta Virginia de Araújo Batista ABREU
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: martavirginia@uft.edu.br

Francisco Edviges ALBUQUERQUE
Universidade Federal do Tocantins UFT
E-mail: fedviges@uol.com.br



RESUMO

Neste artigo abordamos sobre a importância da Sociolinguística como base teórica de estudos linguísticos. Apresentamos, ainda, alguns conceitos sobre bilinguismo e aquisição de segunda língua, bem como, os procedimentos metodológicos adotados nas pesquisas etnográficas para descrever os aspectos sociais e os elementos da cultura e língua em diversos domínios sociais. A Sociolinguística como fundamentação teórica de pesquisas possibilita uma melhor compreensão acerca das relações existentes entre a sociedade e sistema linguístico. Concluimos que os conceitos e abordagens da Sociolinguística viabilizam uma análise da situação sociolinguística estudada e, dessa forma, garante que os resultados apresentados reflitam a realidade do comportamento sociolinguístico.

Palavras-chave: Sociolinguística. Sociolinguística Educacional. Estudos Linguísticos. Bilinguismo. Etnografia.

ABSTRACT

In this article we will address the importance of Sociolinguistics as a theoretical basis for linguistic studies. We also present some concepts on bilingualism and second language acquisition, as well as the methodological procedures adopted in ethnographic research to describe social aspects and elements of culture and language in different social domains. Sociolinguistics as a theoretical basis for research enables a better understanding of the existing relationships between society and the linguistic system. We conclude that the concepts and approaches of Sociolinguistics enable an analysis of the studied sociolinguistic situation and, thus, ensure that the results presented reflect the reality of sociolinguistic behavior.

Keywords: Sociolinguistics. Educational Sociolinguistics. Linguistic Studies. Bilingualism. Ethnography.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresentaremos conceitos sobre Sociolinguística, Bilinguismo, Etnografia e Sociolinguística Educacional que se tornam grandes alicerces nos estudos sobre aspectos linguísticos e sociais dentro do ambiente educacional. A fundamentação teórica que deu sustentação ao nosso trabalho está centrada em autores que realizaram pesquisas sobre a Sociolinguística, como Labov (1968, 1983, 1994,1995), Weinreich

(1953, 1968), Bagno (1997, 2002, 2004, 2007), Bortoni-Ricardo (2002, 2004, 2005), Tarallo (1997) e Albuquerque (1999, 2007). Para os conceitos teóricos no que diz respeito ao Bilinguismo, destacamos os autores Mackey (1968), Fishman (1967), Grosjean (1982, 1984), Weinreich (1953), Ferguson (1959), Almeida e Albuquerque (2011) e Maher (2005).

SOCIOLINGUÍSTICA COMO BASE TEÓRICA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Alguns autores não acham tão fácil definir sociolinguística, haja vista a dimensão de fatores que a envolve. Para Bright (1974), a nomenclatura Sociolinguística é nova, por isso é bem difícil conceituá-la. Entretanto, de acordo com Mollica e Braga (2003, p. 9), a Sociolinguística é “uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. De acordo com Bagno (2004), a Sociolinguística tem como objetivo analisar a língua falada pelos sujeitos, levando em consideração o seu uso e a interação social dos seus falantes. De fato, os estudos Sociolinguísticos têm como finalidade descrever e analisar os aspectos sociolinguísticos de uma determinada comunidade, buscando entender a relação existente entre esses aspectos e os falantes de sua língua nativa. Para as autoras Mollica e Braga (2003), a Sociolinguística preocupa-se com a relevância social da língua, não somente das grandes comunidades, mas também dos grupos tidos como minoritários.

É importante destacarmos aqui que os estudos sociolinguísticos foram iniciados nos Estados Unidos, nos anos 60, por William Labov. De acordo com Bagno (2002), estes estudos tinham a intenção de comprovar que toda língua sofre mudanças e variações com o tempo e no espaço, como também de acordo com a situação social do falante. Os estudos que antecederam aos de Labov trabalhavam de forma separada, a língua e o meio social, pois acreditavam que não havia interferência mútua entre esses dois aspectos.

Posteriormente, Labov se une a Weinreich e Herzog (1968) e, assim, intensificaram os estudos sobre a descrição da língua e suas categorias sociais e linguísticas. Juntos, esses pesquisadores deram prosseguimento aos estudos iniciados por Labov buscando entender a ligação que há entre a sociedade e a língua. A questão fundamental levantada por esses estudiosos era justamente a relação sociolinguística existente entre as variáveis sociais gênero, idade, ocupação e comportamento linguístico de uma comunidade. Cumpre ressaltar que na concepção de Labov, Weinreich e Herzog (1968), para que seja possível conhecer as características sociais de uma comunidade, é preciso observar o caráter da linguagem no seu meio social. Um levantamento sociolinguístico tem, portanto, como principal fundamento a ideia de sistema linguístico como um grupo de normas sociais.

No Brasil, somente a partir dos anos 70 é que os trabalhos sobre Sociolinguística foram intensificados. Temos como exemplo de destaque os trabalhos dos autores Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno, que são dois grandes nomes da pesquisa na área da Sociolinguística. Esses pesquisadores realizam estudos sobre linguagem, comunicação oral e escrita considerando as suas variações, e demonstraram, por meio dos resultados das suas pesquisas, que o sistema linguístico de uma sociedade é que proporciona a interação e o contato entre os seus falantes. A esse respeito, Benveniste (1989) apud Alkmim (2003) afirma que língua e sociedade são domínios de estruturas diferentes, porém são naturalmente interligadas. Segundo a autora, a língua pode transformar as pessoas em uma sociedade e que essa tem a função de promover a comunicação entre os membros da comunidade.

De modo geral, esses autores dedicaram-se na pesquisa sobre a relação existente entre as classes sociais e a linguagem. Para eles, o uso dos elementos de uma língua não é estabelecido pela comunidade linguística, mas é determinado por um conjunto de normas instituídas por meio de comportamento avaliativo e de modelos abstratos de variação. Para nosso estudo, compete-nos destacar o conceito de comunidade linguística para que, posteriormente, possamos entender melhor a análise sociolinguística. Portanto, comunidade linguística, segundo Guy (2000), é uma comunidade que compartilha das mesmas características linguísticas, avaliações sociais e variáveis linguísticas. De acordo com Alkmim, a comunidade linguística é caracterizada “não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras” (ALKMIM, 2003, p. 31).

A Sociolinguística, conforme nos assegura Bortoni-Ricardo, tem “três premissas básicas: o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função linguísticas” (BORTONI - RICARDO, 2005, p.114). Sobre o relativismo cultural, a autora desmitifica a ideia de língua e cultura primitivas ou inferiores e promove a igualdade de valor entre as línguas e culturas. Outro ponto básico da Sociolinguística sugere a homogeneidade das línguas. Aqui a variação linguística passa a ser vista como um processo natural de uma comunidade linguística. A última premissa da Sociolinguística, que é a relação dialética entre forma e função linguística, direciona os estudos da língua para o seu uso e função e não mais para sua estrutura.

A propósito da divisão da Sociolinguística, Faraco (1991, p.60) aponta que Saussure (1986) considerava duas: a diacrônica e a sincrônica. Segundo este autor, os estudos sociolinguísticos diacrônicos se dedicam à análise das mudanças ou variações

linguísticas durante um período de tempo. Já os sincrônicos observam os aspectos sociais, estilísticos e regionais.

Para Alkmim (2003), a Sociolinguística interage entre a língua e a sociedade, dando ênfase ao uso da língua, como também na heterogeneidade linguística. Para a sociolinguística, a linguagem é um sistema dinâmico que conecta o comportamento social ao comportamento linguístico. Sobre essa questão, Calvet (2002, p. 12) nos adverte informando que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”, o que comprova a importância de um estudo sociolinguístico para uma comunidade.

Segundo Tarallo (1997), o trabalho de investigação das línguas, por se tratar de análises, é conceituado por alguns pesquisadores como Sociolinguística Quali-quantitativa. Deve-se a isso, o fato de este tipo de investigação além de trabalhar com números e coleta de dados, ela busca entender os dados e os fenômenos estudados, a partir do ponto de vista dos participantes da pesquisa. Para o autor, os dados linguísticos integram o conjunto de informações que contribuem no momento da análise a fim de se alcançar objetivo do estudo.

A Sociolinguística Quantitativa trabalha com números e dados estatísticos. Enquanto que a teoria Sociolinguística Qualitativa possibilita a apresentação de dados de forma mais próxima da realidade sociolinguística. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), para que esse tipo de pesquisa tenha êxito, é necessário que o pesquisador se envolva totalmente no ambiente onde ele irá desenvolver seu trabalho. Para a autora, a análise dos dados qualitativos deve ser feita de forma cuidadosa, pois ela é bastante subjetiva.

Diante disso, acredita-se que os conceitos e teorias sobre a Sociolinguística nos mostram que esta é essencial em estudos na área da linguística, pois a relação existente entre sociedade e falante se dá desde o seu nascimento. Isto ocorre por meio das interações verbais realizadas, essencialmente, no meio social que vive esse falante.

A SOCIOLINGUÍSTICA E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A Sociolinguística tem uma relação direta com a educação, assim consideramos que o estudo desta relação é relevante, pois nos leva a refletir sobre a contribuição da sociolinguística para a educação. A Sociolinguística Educacional pode nos proporcionar ideias sobre como contribuir no ensino de língua materna, tendo, pois a língua como fator social de uma comunidade. É urgente, portanto, considerarmos a realidade social das comunidades linguísticas no campo da educação, principalmente no ensino de língua

materna, para que sejam reconhecidas as diferenças socioculturais e as influências da língua no meio social.

Nessa perspectiva, a Sociolinguística, conforme nos assegura Bortoni-Ricardo (2005), tem um lugar proeminente entre as ciências sociais que destacam a educação como foco de interesse em suas pesquisas, pois a mesma observa a língua dentro de uma realidade social, destacando seus aspectos funcionais, como também interacionais. Nesse sentido, a sala de aula deve ser um lugar de aprendizado constante, onde haja espaço para a promoção de participação social, modos de falar e demais elementos presentes na cultura do aluno.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística Educacional tem como finalidade elaborar metodologias para subsidiar os professores no que concerne ao desenvolvimento das habilidades cognitivas e competência comunicativa de seus alunos. Cabe observar que os alunos desenvolvem e aperfeiçoam suas habilidades linguísticas baseados nas pessoas que eles interagem nos diversos domínios sociais. Com efeito, Bortoni-Ricardo (2004, p.7) denomina domínio social como “um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais”. Esses papéis, segundo a autora, são um conjunto de obrigações e de direitos que são determinados por princípios sociais e culturais, sendo construídos durante o processo de interação entre as pessoas.

Dentro dessa conceituação, Bortoni-Ricardo (2005) considera que a Sociolinguística Educacional tem o intuito de promover, na sala de aula, interações onde se garantam o desenvolvimento de modelos de participação social, modos de falar e rotinas comunicativas. Para esta autora, os sociolinguistas educacionais concluem que os problemas encontrados em sala de aula fazem parte da rotina e que eles podem ser estudados e explicados através do método etnográfico.

Podemos perceber, conforme Bortoni-Ricardo (2005) argumenta que a Sociolinguística Educacional não se limita a somente tentar descrever a variação linguística e a divulgar os resultados de pesquisas a esse respeito. A Sociolinguística voltada à educação dirige sua atenção, também, para o desenvolvimento de métodos pedagógicos que percebam e considerem as diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos. Para que isto ocorra, a autora acrescenta que é necessário que haja uma mudança nas atitudes da escola, bem como da comunidade. Bortoni-Ricardo e Freitas (2009) têm uma visão tão ampla acerca da função da Sociolinguística Educacional. As autoras defendem a ideia de que ela “envolve questões abrangentes, e não mais aquelas restritas ao ambiente escolar” (BORTONI-RICARDO; FREITAS, 2009, p. 218).

A Sociolinguística Educacional está relacionada com ações sociolinguísticas que têm o intuito de promover o desenvolvimento e melhoramento na área da educação,

especialmente no ensino de língua materna (BORTONI-RICARDO; FREITAS, 2009). Nessa linha de pensamento, Luft (1985) considera que todo falante tem domínio sobre sua língua materna, e cabe ao professor tentar descobrir qual o meio social que seu aluno vem e quais são as suas características linguísticas. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2005)

[...] a tarefa da sociolinguística não se esgota na descrição da variação e divulgação dos resultados obtidos. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de posturas da escola e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar importante (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Como observado anteriormente, a Sociolinguística tem somado esforços no que diz respeito à pesquisa educacional. A Sociolinguística Educacional vem, portanto, repensando os conceitos vigentes sobre a língua e a sua relação com os aspectos sociais de uma comunidade escolar. A esse respeito, Sgarbi e Roncália (2009) pontuam que o estudo e a aquisição de uma língua, de acordo com os princípios da Sociolinguística, proporcionam a percepção de quanto a linguagem é dinâmica, e, portanto, que esta é imprescindível para os estudos educacionais. Estes autores acreditam que a Sociolinguística Educacional é relevante por promover pesquisas sobre a função e o uso das línguas e, dessa forma levando o professor e o aluno a refletirem sobre esta. Em suma, a sociolinguística educacional, prevê em seus fundamentos, o incentivo aos professores na observação das influências que os falantes de uma língua recebem ao adquiri-la.

Para Albuquerque (2011), o contexto sociointeracional, no qual se adquire uma língua, determinará o sucesso ou fracasso dessa aquisição, independente da classe social em que o aprendiz está inserido. Ademais, a Sociolinguística na área da educacional, mais precisamente no ensino de língua materna, é de fato, indispensável, por promover aos alunos a compreensão do que seja a língua bem como a sua estrutura, sua função, sua influência e seu funcionamento.

Fought (2006) argumenta que a língua e a identidade estão intrinsecamente ligadas. Pois, diferentemente das demais disciplinas, o ensino de línguas proporciona ao aprendiz uma reflexão sobre sua identidade e é capaz de expressar as relações existentes entre a sua língua, a sua família, bem como entre seus amigos. Cabe observarmos que o ensino de língua materna na escola necessita de uma atenção especial, haja vista que existem inúmeras distinções entre o ensino de língua materna e o ensino das demais disciplinas que compõem o currículo escolar.

Podemos inferir, portanto, que a Sociolinguística Educacional traz grandes avanços no ensino da língua materna, bem como para aquisição de uma segunda língua. Assim, os princípios sociolinguísticos educacionais podem subsidiar ações de valorização e reconhecimento das línguas no ambiente educacional, comprovando mais uma vez a sua importância.

O BILINGUISMO E A SUA RELAÇÃO COM A SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística, como base teórica, permite uma descrição dos fenômenos linguísticos e sociais, principalmente nos estudos sobre bilinguismo, possibilitando uma melhor compreensão do uso da língua nos mais diversos domínios de interação.

Os estudos sobre bilinguismo foram iniciados por volta dos anos 1970. Estima-se que o bilinguismo ocorre em praticamente todos os países do mundo, e atinge todas as sociedades, independente de classe social ou idade (GROSJEAN, 1982). A importância da sociolinguística nas pesquisas sobre bilinguismo tem sido estudada desde os anos de 1960 por Labov (1968), em que o autor incentivava a valorização e reconhecimento dos dialetos sociais, analisando o contexto sociolinguístico da comunidade bilíngue.

Segundo Almeida e Albuquerque (2011), o termo bilinguismo nos remete à ideia de que numa sociedade existem sujeitos capazes de promoverem uma comunicação em duas línguas. Maher (2005, p. 105) também corrobora com este conceito e afirma que “o bilinguismo, uma condição humana muito comum, refere-se à capacidade de fazer uso de mais de uma língua”. Ainda de acordo com essa autora, o bilíngue “funciona em um universo discursivo próprio, que não é nem o universo discursivo do falante monolíngue em L1, nem o do falante monolíngue em L2” (MAHER 1996, p.57). Para esta discussão, trazemos também as ideias de Weinreich (1953, p.1) que considera o bilinguismo como “a prática de empregar duas línguas alternadamente”.

Cabe aqui destacarmos que a sociolinguística é que dá base aos sentidos de bilinguismo que conhecemos e que os fatores sociolinguísticos são bastante relevantes no bilinguismo. Appel e Muysken (1992) apontam que o bilinguismo pode ser tanto social quanto individual. No bilinguismo social duas línguas são usadas em uma mesma comunidade. Ou seja, além da língua materna ou oficial, existe outra língua em conflito. Já no bilinguismo individual, o sujeito faz uso de duas línguas ao mesmo tempo. É importante ressaltar que a proficiência nessas línguas não precisa estar no mesmo grau. A esse respeito, a Sociolinguística explica que cada indivíduo possui um repertório de fala próprio, e, por isso, ela tem a possibilidade de usá-lo das mais diversas formas.

Sabemos que as funções que as línguas exercem podem ser externas ou internas. As funções externas estão diretamente relacionadas às situações linguísticas que ocorrem nos ambientes, como também pela duração, pela frequência que acontecem e, até mesmo, pela pressão que o falante sofre pelo meio social. Já as funções internas estão ligadas à idade, ao gênero, ao uso, à memória, à motivação e às atitudes que o falante tem a respeito de sua língua (MACKEY, 1968). Nesse sentido, a sociolinguística traz uma relevante contribuição, ratificando que não existe um comportamento linguístico estático, invariável. Pelo contrário, a variação está estritamente ligada à linguagem.

No bilinguismo, a alternância de código também deve ser considerada e observado em que situação ou frequência o falante alterna a língua que usa (MACKEY, 1968). Nas palavras de Grosjean:

[...] as atitudes e os sentimentos dos falantes em relação ao bilinguismo e à alternância de código podem, de certa forma, influenciar no comportamento linguístico dos bilíngues, levando-os a ativar ou a desativar seus diferentes modos de falar. Assim, quando elementos de uma dada língua são inseridos na outra durante um mesmo evento de comunicação, quebra-se a expectativa de que uma única língua seja utilizada naquele momento (GROSJEAN, 1982, p. 231).

Sobre a interferência de uma língua sobre a outra, Mackey (1968) nos afirma que no fenômeno da interferência, um falante de uma língua recorre à outra língua no momento da fala ou da escrita de forma involuntária, utilizando-se de termos que não pertencem à sua língua. É na interferência que ocorrem os empréstimos e a mudança de código (*code-switching*). Do ponto de vista de Maher (2005) sobre a linguagem do falante bilíngue pode ser admitido o uso dessa mudança de código (*code-switching*) na composição de sua gramática. Daí surge a importância da realização de um estudo sociolinguístico para identificar qual é o comportamento linguístico adotado pelos falantes das comunidades bilíngues.

Franceschini (1998) diz que *code-switching* é o fenômeno do uso de línguas diferentes, ou mesmo de variedades linguísticas dentro de um mesmo contexto ou interação. Essa alternância vai ser determinada pelo teor da conversa, ou mesmo do estado emocional em que se encontram os falantes. No momento da interação verbal, a mudança de código é realizada porque o falante pode entender que o assunto que ele quer abordar seja mais adequado em uma língua e não na outra. A sociolinguística vem explicar, de forma pedagógica, como isso ocorre e com qual frequência ocorre nas comunidades bilíngues.

Maher (2005) avalia que a linguagem do falante bilíngue prediz o uso de empréstimos linguísticos (*borrowings*) na estrutura de sua gramática. Dubois (1973) considera o empréstimo linguístico como o elemento sociolinguístico de maior valor no que concerne ao contato de línguas. Para este autor quando ocorre este fenômeno, entende-se que o falante é capaz de dominar duas línguas diferentes. É importante ressaltar que o tipo de bilinguismo adotado pela comunidade somente poderá ser identificado por meio de estudos sociolinguísticos e métodos etnográficos.

Fishman (1967) utiliza o termo diglossia quando se refere ao contato de duas línguas por um grupo social. O uso dessas línguas pode variar de acordo com a ocasião, ou seja, o uso de uma língua pode ocorrer numa situação mais formal e o da outra em ocasião mais informal. A este respeito, Meliá diz que

[...] a noção de diglossia serve para relativizar o chamado bilinguismo, sobretudo quando este é apresentado dentro de uma ideologia de equilíbrio histórico-social, assim como para analisar a relação de duas línguas, conforme os seus diferentes usos sociais, fazendo ver que os campos de aplicação são diferentes e ordinariamente dependentes, numa relação de dominante-dominado, superior-inferior (MELIÁ, 1979, p. 68).

Já para Ferguson (1959), diglossia é uma situação linguística de certa forma estável entre línguas (podendo ser também da variante padrão ou das normas regionais) que ocupam o mesmo lugar sem conflito. Ainda de acordo com este autor, nessa situação linguística há duas línguas divergentes uma da outra, podendo ser um dialeto e a outra uma língua altamente rebuscada. Esta última pode ser adquirida em um ambiente formal, e é usada somente na escrita ou no falar mais elaborado, porém não é usada no cotidiano. Compreendemos aqui que as situações de bilinguismo ocorrem nos mais variados ambientes sociais e demonstram a facilidade linguística e os usos e funções das línguas de acordo com os domínios sociais.

Segundo Ferguson (1959), cada variedade completa a outra, logo não há a valorização de uma variedade em detrimento da outra. O uso dessas variedades evidencia a utilidade das variantes em um processo de comunicação. Isso acontece devido às diferenças sociolinguísticas, assim, podemos afirmar que não há uma única forma de dizer algo. Nesse viés, a contribuição da sociolinguística é no sentido da valorização social das diferenças linguísticas, combatendo os discursos que exaltam uma língua em detrimento da outra.

Portanto, a pesquisa sociolinguística contribui de forma satisfatória nos estudos sobre bilinguismo, na análise de uma comunidade de fala explicando vários aspectos compilados juntos com os dados etnográficos.

A SOCIOLINGUÍSTICA E A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Segundo Angrosino (2009, p.9), por meio da pesquisa do tipo etnográfica podem-se descrever as crenças, línguas, tradições, comportamentos interpessoais, costumes e produções materiais desse grupo, na procura do significado de sua cultura. Para este autor, a pesquisa do tipo etnográfica é uma narrativa sobre a sociedade pesquisada, que conta a experiência vivida nesta e, ao mesmo tempo, “convida o leitor para um vicário encontro com as pessoas”. Entende-se que a pesquisa do tipo etnográfico descreve os aspectos sociais e os elementos da cultura e língua do povo de forma fidedigna.

A pesquisa etnográfica e a Sociolinguística têm uma relação intrínseca. Rocha (2005) também aborda sobre etnografia e trata das características próprias desse método:

A etnografia possui características básicas, tais como: ênfase na exploração da natureza de um fenômeno social particular; entrevistas em profundidade; observação participante; análise de discursos de informantes; investigação em detalhe; perspectiva microscópica; e interpretação de significados e práticas sociais, que assumem a forma de descrições verbais. Ademais, pode-se destacar como traço mais marcante do estudo etnográfico, a investigação por dentro da realidade de um grupo, sendo o conhecimento científico gerado a partir do ponto de vista do outro (ROCHA et al, 2005, p.3).

134

No que concerne ao processo de investigação com base na etnografia, Wilcox (1993) orienta que deve haver uma relação com as pessoas que participarão da pesquisa e adianta que para isso é necessário ter habilidade. Além disso, é importante que sejam esgotadas todas as técnicas de pesquisa, a fim de conseguir o maior número de dados e informações a respeito da comunidade estudada. É necessário, ainda, utilizar-se de teorias, como a Sociolinguística, para subsidiar os resultados, e somente depois levantar as hipóteses. Podemos acrescentar que para realização de uma pesquisa do tipo etnográfica deve haver flexibilidade, planejamento e organização.

De acordo com Almeida (2011, p.67), “considerando ser a Língua fator indispensável para que a comunicação se efetive, conhecer a situação sociolinguística das sociedades com que se convive torna-se primordial”. Por isso é fundamental a análise da realidade sociolinguística e cultural da comunidade, a partir da sua realidade linguística, do uso da língua materna nos diversos domínios sociais ou o modelo de bilinguismo adotado, analisando a sua eficiência para a manutenção da língua materna, tanto na modalidade escrita quanto oral.

A pesquisa etnográfica deve ter base na pesquisa de campo e ter como instrumentos a observação participante, o diário de campo e a aplicação de questionário. Dessa forma, as

questões sociolinguísticas poderão ser evidenciadas de forma mais próxima da realidade. Em uma pesquisa etnográfica, geralmente várias etapas podem ser realizadas ao mesmo tempo e, muitas vezes no momento da aplicação do questionário pode-se observar e também fazer anotações no diário de campo, o que contribui para os melhores resultados (ALBUQUERQUE, 2007).

A respeito da observação participante, Angrosino (2009, p. 34) destaca que é um instrumento peculiar, “utilizado por pesquisadores em campo de pesquisa sociolinguística que são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida”. O autor sugere que esse tipo de observação seja compreendido como um ato de perceber as atividades e interações das pessoas do universo da pesquisa. Isso exige registro objetivo e uma busca de padrões que são identificados nas vivências da cultura cotidiana do grupo participante da pesquisa. A observação participante, segundo Erickson (1989), torna-se mais relevante ainda por proporcionar ao pesquisador sociolinguista ter um contato mais próximo e, assim, conviver e interagir com os participantes do estudo, o que facilita o conhecimento da cultura, da sociedade, dos saberes, das religiões e do modo de viver da comunidade pesquisada.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1999), para que a observação participante seja, de fato, eficaz, é preciso que o pesquisador sociolinguista apresente algumas habilidades como: relacionar-se de forma confiável com os participantes observados; conhecer bem as questões pesquisadas; elaborar boas perguntas e saber ouvir.

Enquanto que o diário de campo é usado para registrar observações e é essencial para colocar em palavras as representações e interações das comunidades após cada visita. As anotações no diário de campo são muito importantes durante a pesquisa e, posteriormente, na análise dos dados. No diário de campo faz-se um relato minucioso de todas as experiências vividas durante o período da pesquisa. O diário de campo é um instrumento essencial na coleta de informações que foram obtidas durante as conversas. Nele registra-se também as experiências e expectativas das pessoas que participaram da investigação. As informações do diário de campo levam à reflexão sobre significados, descoberta de detalhes, captura de informações que poderiam fugir às questões de múltiplas escolhas e, assim, se distanciar da superfície de um assunto abordado (Albuquerque, 2011).

De modo geral, estudos Sociolinguísticos são realizados por meio de entrevistas com o auxílio de um questionário. A esse respeito, Tarallo (1997), afirma que em um diagnóstico sociolinguístico é imprescindível uma quantidade de dados e que estes sejam coletados por meio de pesquisa realizada diretamente com os falantes da língua estudada. A aplicação de questionário, portanto, é também um instrumento de análise empregado em

pesquisas etnográficas. Albuquerque (2007) afirma que com a aplicação do questionário é possível fazer um levantamento sociolinguístico, e assim descrever e analisar a situação sociolinguística de um povo, observando a facilidade linguística em língua materna, o uso da língua de acordo com os domínios sociais e a receptividade de outras línguas pelos falantes da língua materna. Com a aplicação do questionário é possível ainda apresentar e analisar alguns fatores sociolinguísticos importantes para a manutenção da língua materna, destacando as características linguísticas e culturais próprias do povo estudado.

Ademais, podemos afirmar que um estudo sociolinguístico permite fazer uma pequena descrição da situação linguística do povo estudado. Torna-se relevante como forma de registrar, contribuir com futuras ações de manutenção da língua materna, bem como com o desenvolvimento de práticas educativas que valorizem as diferenças sociolinguísticas, tradicionais e culturais de um povo. O estudo sociolinguístico proporciona, ainda, uma descrição do modelo de bilinguismo adotado pela comunidade e da realidade sociolinguística do povo, demonstrando o efeito deste para a manutenção da língua materna e contribuindo para que os resultados reproduzam de forma mais próxima da realidade a situação sociolinguística desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo fizemos algumas considerações sobre a Sociolinguística e sua importância em trabalhos linguísticos. Concluímos que a Sociolinguística pode ser uma aliada eficaz tanto nos estudos sobre línguas e sua ligação com o meio social, quanto no combate ao preconceito linguístico que induz a existência de uma variedade linguística inferior num grupo bilíngue. Para que haja sucesso nas pesquisas linguísticas, é imprescindível, portanto, antes de tudo, entender o contexto sociolinguístico da comunidade estudada. Assim, a sociolinguística contribui de forma significativa em pesquisas, explicando a relação existente entre a sociedade e o seu sistema linguístico, garantindo que os resultados apresentados reflitam a realidade do comportamento sociolinguístico daquela comunidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Francisco Edvigés. **Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o Português: Aspectos da Situação Sociolinguística**. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1999.

_____. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé**. Tese de Doutorado. UFF - Niterói, 2007.

_____. APINAYÉ, Ana Rosa Salvador. APINAYÉ, Maria Célia Dias Apinayé. **Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena: Relatos e experiências Apinayé.** In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (Org.). *A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural.* Goiânia: Ed. Da PUC. Goiás, 2011.

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística. Parte I.** IN: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras.* 4. p. 21-77. ed. São Paulo: Cortez. 2003

ALMEIDA, Severina Alves de. **A Educação escolar indígena Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural: Um estudo sociolinguístico das aldeias São José e Mariazinha.** Dissertação de Mestrado. Araguaína: UFT, 2011.

ALMEIDA, Severina Alves de. ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Educação Bilíngue, Bilinguismo e Interculturalidade no contexto escolar Apinayé: o professor de língua materna em perspectiva.** In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (Org.). *A Educação Escolar Apinayé na perspectiva bilíngue e intercultural.* Goiânia: Ed. Da PUC. Goiás, 2011.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1999.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Language contact and bilingualism.** London; New York: Arnold, 1992.

BAGNO, Marcos. **Português brasileiro? Um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola, 2002.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **A língua de Eulália: Novela Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. FREITAS, Vera A. de Lucas. **Sociolinguística Educacional.** In ABRALIN: 40 anos em cena. João Pessoa. Editora Universitária, 2009.

_____. **O professor pesquisador.** São Paulo. Parábola, 2008.

_____. **Nós chegamos na escola, e agora?: Sociolinguística e Educação.** São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Um modelo para análise sociolinguística do português do Brasil.** In Bagno, Marcos. *Linguística da norma.* São Paulo. Loyola, 2002.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II.** Campinas: Pontes, 1989.

BRIGHT, William. **As dimensões da Sociolinguística.** In Fonseca, Maria Stella. NEVES, Moema (org.). *Sociolinguística.* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

DUBOIS, J. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ERICKSON, F. **Métodos Cualitativos de Investigación de la Enseñanza**. In M. Wittrock M.C. La Investigación de la Enseñanza, II. Métodos Cualitativos y de Observación. Madrid: Ediciones Ibérica. 1989.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FERGUSON, Charles. A. **Diglossia**. Word, 15, april, Journal of linguistic, 1959.

FISHMAN, Joshua. A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. Journal of Social Issues, 1967.

FOUGHT, Carmen. **Language and Ethnicity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

FRANCESCHINI, Rita. The notion of code in linguistics. In: P. Auer (Ed.) **Codeswitching in conversation: Language, interaction, and identity**. London: Routledge, 1998.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Harvard University Press, 1982.

_____. "The Bilingual's Language Modes", in J. Nicol (ed.), **One Mind, Two Languages. Bilingual Language Processing**. Oxford, MA: Blackwell, 1-22, 1994.

GUY, Gregory. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, 2000.

LABOV, William. The reflection of social process in linguistic structures. In: FISHMAN, J. (ed.) **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, p. 240-51, 1968.

_____. LABOV, W. e HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y., ed. **Directions for historical linguistics**. Austin, University of Texas Press: 97-195, 1968.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua portuguesa e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed.). **Readings in the sociology of language**. Haia: Mouton, 1968.

MAHER, Terezinha Machado. O Bilinguismo e o Aluno Indígena. In.: VEIGA. Juracilda. FERREIRA. Maria Beatriz R. (orgs.) **Desafios atuais da educação escolar indígena**. Campinas, SP: ALB, Núcleo de Cultura e Educação Indígena; Brasília: Ministério do Esporte, Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, 2005.

_____. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade.** Campinas/SP: IEL/UNICAMP, 1996. (Tese de Doutorado).

MELIÁ, B. **Educação indígena e alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

ROCHA, E.P.Q., BARROS, C, PEREIRA, C. **Perspectivas do Método Etnográfico em Marketing: Consumo, Comunicação e Netografia.** 2005. Disponível em: www.anpad.org.br/enanpad/2005/dwn/enanpad2005-mkta-2861.pdf. Acesso em 04/04/2020.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1986.

SGARBI, N. M. F. Q.; RONCÁLIA, F. L. Sociolinguística educacional: teoria e prática nas aulas de língua portuguesa. **Revista Interletras**, v. 2, n.10. Unigran, Dourados. MS. Disponível em: <http://www.unigran.br/revistas/interletras/ed>. Acesso em 07/04/2020.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 5 ed. São Paulo: Ática, 1997.

WEINREICH, U. **Languages in Contact.** New York: Linguistics, Circle of New York, 1953.

_____. LABOV, W. e HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. e MALKIEL, Y., ed. **Directions for historical linguistics.** Austin, University of Texas Press: 97-195, 1968.

WILCOX, Robert W. Os paraguaios na construção do extremo oeste do Brasil, 1870-1935. **Revista The Américas**, v. 49, n.4, p. 479-512, 1993.